

SELEÇÃO DE LEITURA

E INFORMAÇÃO

# 365

TRÊS

MEIA

CINCO

PUBLICAÇÃO MENSAL · Nº 2 · CR\$12,00



**ENTREVISTA COM**  
**CHICO**  
**BUARQUE**  
de "A Banda"  
à "Fazenda Modelo"

  
obx

# COMO CONHECI CHICO

WALTER  
SILVA

Do particular para o geral, dizem, está a melhor maneira de comunicação. "Pinte a sua aldeia e você será universal" (Tolstoi).

Essa, talvez, seja a melhor forma para falar sobre o que sei, penso e acho sobre Chico Buarque de Hollanda, que no meu jornal não deixam sair com dois "l".

Naquela época era "anticomercial" tocar bossa-nova em rádio — aliás por isso mesmo fomos afastados do programa radiofônico de maior audiência em todo o Brasil, "O Pick-Up do Pica-pau", que era levado pela Rádio Bandeirantes — não nos restava outra alternativa a não ser o teatro.

Como os meninos do Centro Acadêmico XI de Agosto já haviam realizado com enorme sucesso "O Fino da Bossa", com o qual também colaboramos, a idéia só podia mesmo nos animar.

Assim, sem nunca ter entrado na coxia de um teatro, lá fomos nós alugar o Paramount para espetáculos de música brasileira moderna.

Apoiados na idéia de usar os centros acadêmicos para divulgar e patrocinar os mesmos, já marcamos para o dia 16 de outubro de 1964 o primeiro deles, que se chamou "Mens Sana in Corpore Samba", claro que promovido pelos alunos da Escola de



Educação Física do DEFE (Departamento de Educação Física e Esportes). Na primeira parte, amadores com os quais já havíamos tido contato antes em shows beneficentes (como o que ajudamos a produzir para a Associação de Moças e que foi realizado no próprio Paramount, do qual participaram, entre outros, Elis Regina e Sílvio César, que faziam uma temporada na boate Djalma's, na Praça Roosevelt). Esses amadores eram Toquinho, Taiguara, Ivette, Bossa Jazz Trio, Maria Lúcia, César Roldão Vieira e Solano Ribeiro, que na época cantava num conjunto de rock chamado "The Avalons", mas que na última hora acabou não indo. Na segunda parte participaram Silvinha Telles e o

conjunto de Roberto Menescal.

Ajudavam a gente na elaboração do espetáculo, além dos estudantes e pessoas de sua família, dois rapazes que eram verdadeiros apaixonados pela coisa. Um deles, Homero Honório Ferreira Filho, é hoje cunhado de Chico Buarque, casado com sua irmã Cristina; o outro, Antônio Márcio Fernandes Costa — ambos de São José do Rio Preto e estudantes universitários. Manoel Barembein, que era divulgador de discos e estudioso de som, cuidava da parte técnica dos shows.

Eram os três da mesma idade e transavam muito o barzinho em frente ao Mackenzie, onde se realizavam, na hora do almoço, os conhecidos encontros de samba, chamados "Sambafo", dos quais fazia parte um tal de "Carioca" — Chico Buarque.

Um dia, antes do espetáculo já citado, chega-se a nós o Homerinho e diz:

— Rapaz, você precisa ouvir o "Carioca", um cara que canta no "Sambafo" do Mackenzie. Ele estuda na FAU e é superengraçado.

— Manda o "Carioca" procurar a gente aqui no teatro, dissemos nós.

E já no dia seguinte estava lá o moço com ar de tímido, mas com uma cara de malandro encoberto que dizia tudo sobre ele e suas intenções.

Devia ter, no máximo, uns 19 anos. Tocava muito mal violão e tanto melódica e como harmonicamente nada tinha que ver com o que nos propúnhamos.

Além de segurar o bordão com o polegar da mão esquerda, não tinha nada de atraente como ritmista e melodista. Em compensação suas letras eram de uma força incrível e apesar

dela, ou por isso mesmo, sua cara de sonso comunicava muito.

Começou a freqüentar a casa da gente como os demais e num curto espaço de tempo já era líder da turma. Todos queriam cantar suas composições.

Não raro aparecia às 10 horas da manhã, com aquela cara de quem não dormiu nada e bebeu muito. Vinha num Aero-Willys bordô, daqueles bem desbotados, e ia entrando com decisão e pontaria. O barzinho era seu alvo, depois o sofá e em seguida o violão.

Cantava, tocava e pouco falava ou discutia.

Marcava sempre sua presença por tiradas de muito humor e inteligência e de imediato sabia-se que estava acima dos demais que com ele começavam.

Tinha uma resposta irônica para tudo e a cada instante, denotando uma experiência muito grande para seus poucos quase vinte anos.

Entrosava-se muito com Maria Lúcia, que era a mais extrovertida do grupo e que adorava cantar suas músicas.

Um dia, num show que levamos na Hebraica, Chico e Maria Lúcia cantaram juntos "Primavera", de Carlos Lyra e Vinicius, da peça "Pobre Menina Rica".

Já que formavam um par jovem muito bonito, usamos o aspecto físico dos dois e os colocamos cada um numa extremidade do palco, sentados no chão e com as pernas balançando para fora, de frente para a platéia.

O número saiu lindo e os aplausos maiores foram para os dois, embora naquela noite homenageássemos outro autor novo que conosco caminhava, o Adílson Godoy.

A idéia de lançar todas ou o maior número possível de músicas de um só autor dos jovens deu certo naquela noite e animou-nos a fazer o mesmo com Chico já no show seguinte cujo nome era "1.<sup>a</sup> Denti-Samba" e, como o trocadilho infame já denuncia, era dos alunos da Faculdade de Odontologia.

Durante toda a primeira parte, os amadores só cantaram músicas de Chico Buarque, algumas das quais jamais regravadas, ou lançadas por ele, como, por exemplo "Malandro Quando Morre".

"Malandro quando morre vira samba/mulher vira uma flor no céu", que foi muito bem interpretada por Maria Lúcia.

O show dessa primeira parte, escrito por nós, chamava-se "Sambairro" e defendia o direito de todos serem bairristas. "Some-se depois esse bairrismo todo e teremos um imenso universalismo".

Na segunda parte do espetáculo, explodia Elis Regina com o "Copa-Trio" (Salvador, Dom Um Romão e Gusmão). Casa supercheia e paletós jogados para cima numa histórica maneira de aplaudir, não mais vista nos últimos onze anos.

Chico cantou quatro músicas e seus colegas amadores desfilaram quase todo o repertório do "Carioca". O maior sucesso da noite foi "Marcha para um Dia de Sol", que nós sugerimos que se transformasse em "João XXIII".

"Eu quero ver um dia/numa só canção/o pobre e o rico andando mão e mão/que nada falte, que nada sobre/o pão do rico/o pão do pobre..."

A platéia, toda feita de jovens que já sabiam do Chico, cantou junto e

quase vira carnaval. Ao final do espetáculo, o compositor e psiquiatra Roberto Freire enxugava as lágrimas e dizia:

— Menino, algo está começando. Algo está começando...

E estava mesmo.

Começava ali uma das mais importantes carreiras artísticas de toda a história de nossa música popular. Começava ali o ciclo Chico Buarque.

No mês seguinte, novembro de 1964, estudantes de um ginásio de Campinas marcaram um show para sua cidade, realizado no Cine Ouro Verde. Seria no dia 23 de dezembro, dois dias, portanto, antes do Natal.

Para participar desse show, os amadores também seriam pagos. Cada um receberia a importância de 50 cruzeiros, que, aliás, não foi paga para a maioria, uma vez que os meninos de Campinas deram um tremendo cano. Só uma parte da turma recebeu. Para alguns profissionais tivemos que dar um cheque, coisa que não agradou o pessoal. Houve até um que, por não receber no dia marcado, levou pro protesto. Tudo bem.

Os profissionais que participaram do espetáculo de Campinas foram Pedrinho Mattar, Oscar Castro Neves, Alaíde Costa, Paulinho Nogueira, entre outros. Mas foi Chico Buarque quem chamou a atenção da maioria das pessoas presentes. Contento com o primeiro cachê, resolveu, junto com seu inseparável amigo "Barão", ir passar o Natal em Borborema, pequenina cidade próxima a São Carlos.

Aproveitou o táxi que nos levaria a Rio Preto e parou na praça de São Carlos, junto com "Barão", tocando violão, cantando e bebendo tudo.

Chico sempre teve um só compromi-

so: consigo mesmo.

Era de uma independência total e dono de seus atos.

Quem quisesse se enturmar, que se enturmasse com ele, pois ele não se enturmava com ninguém.

Veio o dia em que Chico gravou seu primeiro disco.

A RGE, que cedia todo o seu equipamento de som para os nossos shows no Paramount, resolveu atender ao nosso pedido mais do que insistente para que se gravasse com o pessoal novo que estava sendo lançado.

Por muito favor José Scatena, dono da gravadora, achou uma hora livre e cedeu-nos o estúdio "B" de sua gravadora. O "A" já era ruim, imaginem o "B".

Uma sala diminuta, onde havia uma mesinha para locutor, uma cadeira e um microfone. Só isso. Somando tudo, não dava mais de 4 metros quadrados.

Com o pé sobre a cadeira e tocando violão, assim foi feita a primeira gravação de Chico Buarque: "Pedro Pedreiro", um dos seus muitos sucessos nos shows do Paramount.

Depois veio o festival da Record e com ele "A Banda". Nessa ocasião uma importante passagem: o 1.º lugar ficara com o Chico, mas ele exigiu que fosse dividido com o Vandré e sua "Disparada".

No dia da apresentação da "Banda", às 5 da tarde, mais ou menos, Chico assinou contrato de edição de sua música com a Fermata.

Testemunhas, Manoel Barembain e Glorinha Moreira. A edição de Enrique Lebendiger ganhou seu maior sucesso até hoje.

Antes desse dia, levamos Chico e César Roldão Vieira, a pedido de Lebendiger, para editar suas músicas na

quela editora.

Como ambos estavam "duros", Lebendiger deu a cada um 250 cruzeiros.

Eles, que pensavam que uns 30 estariam muito bem, saíram doidos com tanto dinheiro que acabavam de ganhar como adiantamento de seus futuros direitos.

Também contente, Lebendiger fez-nos sócios de uma editora que recebeu o nome de "M.B.M." (Música Brasileira Moderna). Como nunca entendemos do assunto, duros, vendemos nossa parte ao sócio-editor meses depois por 10 milhões (antigos).

Foi uma festa. Antes tivéssemos ouvido os conselhos de Chico de Assis e de José Roy, que, na porta da editora nos pediam para desfazer o negócio, uma vez que só no carnaval a gravação de "A Banda" nos daria mais de trezentos milhões (antigos).

Não acreditamos e ainda fomos vítima de uma intriga feita, não se sabe por quem, que nos separou de Chico Buarque por sete anos.

Nunca mais nos falamos, até que um dia, ou melhor, numa noite, depois de um show pelo circuito universitário no Tuca, em pleno Restaurante Gigetto, sentimos um tapa nas costas.

Era ele que nos cumprimentava e nos abraçava. E ambos, sentimentalóides como todo o brasileiros, nos pusemos a chorar, sem perguntas, sem respostas.

Acompanhamos suas atuações à distância. Sentimos o quanto ele evoluiu e fez evoluir nossa música popular. O quanto de importante ele representa e representou para a formação de nossa cultura popular urbana. Chico Buarque, o "Carioca" da FAU, é universal porque soube cantar e pintar sua aldeia. Tolstoi estava certo.

## ENTREVISTA 365

CHICO  
BUARQUE cantor  
poeta  
compositor  
e escritor



**Agora que você é pai pela terceira vez, que acha da música para crianças feita no Brasil?**

O que mais se vê são as mesmas canções infantis com as mesmas personagens da minha infância, e lá se vão anos. Principalmente aquelas figuras do Walt Disney, cantadas numas versões aliás muito boas do Braguinha, o João de Barro. Mas é uma pena, porque são coisas que não têm nada a ver com a criança brasileira. Ao mesmo tempo, vão-se perdendo as cantigas de roda, as cantigas de ninar, as canções juninas, todo esse repertório muito bonito que eu ainda peguei, que era transmitido pela tradição oral e que os disquinhos hoje em dia quase não registram.

**E pensa compor para as crianças?**

Eu acho que a gente precisa trabalhar nesse campo aí. O Vinícius é que tem umas canções sensacionais, mas elas são mais conhecidas na Itália do que aqui. Também tenho tentado alguma coisa no gênero, mas ainda não consegui arrebatá-la minha platéia, minhas três filhas.

**Qual o seu disco que mais vendeu? Foi "A Banda"?**

Não foi "A Banda", não, foi "Construção". Aliás, disco compacto que mais vendeu foi o "Apesar de Você"

apesar de tudo. Mas disco grande foi "Construção", mesmo com letra comprida e aquela trapalhada toda. Além disso, "Construção" me valeu este troféu (uma pá de pedreiro incrustada num tijolo) que me foi oferecido pelos Trabalhadores de Construção Civil de Belo Horizonte.

**Chico, as suas composições são feitas com intenção de denúncia ou protesto?**

Não, minhas músicas não são feitas com nenhuma intenção. São feitas mais com intuição, com emoção, com estalos assim, e o que elas têm de elaborado é só a parte formal. Mesmo quando elas abordam temas sociais. Acho que canção de protesto, canção definida e dirigida politicamente, ou ideologicamente, acho que não há condições pra se fazer uma canção assim, no Brasil, no momento. Não passa. Quer dizer, nem passa pela cabeça de ninguém. Então, eu não sou um cantor de protesto. Pode dizer que eu sou um cantor do cotidiano. Um cantor de resmungo. E uma pessoa de protesto, pode dizer isso.

**Você então é apenas um rebelde emocional, sem consistência...**

Bem, só se você julgar que emoção é um troço inconsistente. Você acha?

**Sou apenas o entrevistador...**

Pois é, e eu sou um artista. Você deve saber disso quando vem me entrevistar. Então, o meu trabalho é só fantasia, é música, é teatro, é novela. Claro que eu, cidadão, que ando na rua e leio jornal, eu, pessoa física razoavelmente bem informada, claro que tenho uma posição mais ou menos racional diante das coisas. Mas essa pessoa só tem importância pública enquanto o seu trabalho for conhecido popularmente. Mas acho que não foi

## CONSTRUÇÃO

*Amou daquela vez como se fosse a última  
Beijou sua mulher como se fosse a última  
E cada filho seu como se fosse o único  
E atravessou a rua com seu passo tímido  
Subiu a construção como se fosse máquina  
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
Tijolo com tijolo num desenho mágico  
Seus olhos embotados de cimento e lágrima  
Sentou pra descansar como se fosse sábado  
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe  
Bebeu e soluçou como se fosse um naufrago  
Dançou e gargalhou como se ouvisse música  
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
E flutuou no ar como se fosse um pássaro  
E se acabou no chão feito um pacote flácido  
Agonizou no meio do passeio público  
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego  
Amou daquela vez como se fosse o último  
Beijou sua mulher como se fosse a única  
E cada filho seu como se fosse o pródigo  
E atravessou a rua com seu passo bêbado  
Subiu a construção como se fosse sólido  
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas  
Tijolo com tijolo num desenho lógico  
Seus olhos embotados de cimento e tráfego  
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe  
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo  
Bebeu e soluçou como se fosse máquina  
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo  
E tropeçou no céu como se ouvisse música  
E flutuou no ar como se fosse sábado  
E se acabou no chão feito um pacote tímido  
Agonizou no meio do passeio naufrago  
Morreu na contramão atrapalhando o público  
Amou daquela vez como se fosse máquina  
Beijou sua mulher como se fosse lógico  
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas  
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro  
E flutuou no ar como se fosse um príncipe  
E se acabou no chão feito um pacote bêbado  
Morreu na contramão atrapalhando o sábado*

isso que você perguntou, foi? É, você perguntou sobre as intenções da minha música. O que eu quero dizer é que qualquer posição que eu tome hoje, se ela tiver alguma ressonância, é porque eu sou o autor de "A Banda".

**Não estou entendendo. Se é para me confundir, eu mudo o tom da entrevista para temas mais amenos: qual o seu tipo de mulher, qual o nome do seu primeiro carro, por que você não continuou arquitetura, a que horas você dorme etc.**

A revista é tua... Ô Rui (Rui Guerra), dá mais um uísque a esse cara pra ver se ele fica menos chato.

**Chico, é claro que não vim a sua casa para saber da sua vida particular, mas para divulgar o que você sente e pensa. Você está disposto a um papo mais sério?**

Eu topo esse papo. Não sei se vou dizer coisas novas ou muito importantes, mas topo. Mas vê lá se não inventa, hein?

**Pode ficar tranqüilo, você vai ler tudo antes de ser publicado.**

Então tá.

**Que representa para você o sucesso e a popularidade?**

Eu acho que o sucesso é perigoso na medida em que é aconchegante. Nos tempos da TV Record, fiquei muito popular por causa dum programa de adivinhação. Eu apertava um botão, cantava uma música e ganhava um carro, ganhei uns quatro Gordini e as pessoas me seguravam na rua. Depois tudo mudou. Só pra citar um exemplo, passei um ano sentado aí com esse galego (Rui) escrevendo uma peça de teatro que ninguém viu (Calabar). Mas foi muito melhor pra mim do que ganhar 365 Gordinis. A prova é que estou

acabando de escrever outra peça. Dá um tremendo trabalho, é uma inquietação, uma angústia todo dia, mas quando a gente vê uma página acabada, uma coisa que a gente gosta, dá muito mais prazer que o reconhecimento público. Não que eu me lixe pra popularidade, mas te garanto que o prazer maior, a própria vaidade, está no ato da criação. Talvez por um mecanismo de defesa, não sei. Já estou meio acostumado a escrever e cantar pra mim mesmo, minha mulher, minhas filhas.

**Utiliza, ou utilizaria, a sua popularidade para ajudar concretamente o ser humano?**

Claro, sempre que possível. Vou te dizer uma coisa. Popularidade para uso pessoal dá mais chateação que regalia. Podem te oferecer um jantar, mas vão passar a vida te cobrando. Agora, acho que não se deve ter o menor pudor em usar e abusar da popularidade, até mesmo desgastar essa popularidade em nome de qualquer causa que você acredite. Evidente que aí você vai sofrer uma porrada de acusações, vão dizer que estudante estuda, cantor canta, operário opera, aquelas coisas. Mas eu continuo achando que é melhor ser censurado do que omisso.

**A propósito, até que ponto a censura limita sua criatividade?**

Esse tema é chato. De cara sou rigorosamente contra a censura. Não por motivos pessoais, mas por princípio. Do ponto de vista pessoal, ela tem-me incentivado na mesma medida em que me bloqueia. Vou dizer, no momento mesmo em que tenho um trabalho censurado, fico como que entorpecido, desnorteado. Aí eles conseguem o que querem, porque já estou convencido que a intenção dos

censores é mais punir o autor do que interditar a sua obra. Então eu fico realmente vazio, fico achando tudo inútil, por alguns dias. Mas tem a volta. Daí a pouco a gente se mete noutra coisa com mais garra ainda, sem se incomodar se vai ser censurado ou não, pelo prazer de trabalhar, ou para não enferrujar, ou só pra chatear. Agora, saindo do plano pessoal, acho que a censura à informação é um erro grave porque, limitando a divulgação, impede o conhecimento amplo das verdades e cria uma falsa realidade que acaba contagiando os próprios responsáveis pela censura. Além de criar um clube fechado de impunidades. A censura à criação e manifestação artística limita e marginaliza o autor teatral, o músico, o cineasta, muitas vezes obrigando o cara a fazer malabarismo pra dizer alguma coisa. Alguma coisa que só passa para uma pequena elite que já sabe dessa coisa. A obra de arte nacional acaba se afastando do povo, acaba ficando chata. Como me disse um garotão chofer de táxi outro dia: "Essa música de vocês não tá com nada. Eu gosto de música americana que a gente não entende nada mas tem aquele ritmo" Enfim, a censura acaba dificultando o surgimento de gente nova em todas as áreas da criação. Acredito que isso atende a altos interesses que não são os da nossa cultura.

**Com a evolução da sua música o seu público não ficou limitado?**

O problema é que o maior veículo de comunicação, que é a televisão, não está interessado realmente em divulgar a música brasileira. E, quando o faz, geralmente compromete essa música. A televisão, hoje, é uma só e é praticamente um órgão paraestatal que, paradoxalmente, sofre restrições

da censura federal mas exerce outras censuras suplementares por conta própria. Mas é claro também que, uma vez bloqueado o contato mais assíduo do artista com seu público, a arte vai perdendo seu compromisso com o popular. O público que hoje se identifica mais com a minha música está na faixa universitária. Mas eu tenho tentado retomar contato com outras áreas e a peça que acabo de escrever com o Paulo Pontes é um exemplo dessa tentativa. Nossa intenção é estreitar "Gota d'água" num subúrbio, que é onde a peça se situa. Vamos testar, vamos ver se a gente ainda é capaz de falar a língua do povo, vamos ver se o povo se reconhece nas personagens. É difícil, porque já faz algum tempo que esconderam esse povo lá longe e a gente só sabe dele raramente, quando divulgam um quebra-quebra na Central.

**Além dos estudantes, a alta burguesia é parte do seu público. Por quê?**

Não sei muito bem. Ela aceita e aplaude até as músicas que de certa forma a agridem, porque não se sente ameaçada. Daí as minhas músicas serem mais ouvidas nas chamadas rádios classe A do que nas mais populares. Tem também o fato da gente não aparecer muito na televisão. Isso é ruim porque dá um caráter meio elitista à nossa música. Mas é consequência daquilo tudo que já falei.

**Já lhe passou pela cabeça dar uma de herói e tentar dar uma "virada" no mundo?**

Você quer me gozar, não é? Aliás, não é o primeiro que me acha quixotesco. Mas o pouco que tenho feito e dito não passa de minha obrigação. Chiar contra isso ou aquilo, acho até que é salutar. Acho que o bom cabrito berra. Agora, falar esse negócio de

herói é mitificação ou pura sacanagem. O Brecht dizia: feliz do povo que não tem heróis. Por aí você calcula o grau de felicidade dum povo que vai catar herói nos camarins de teatro.

**No que você veste, no que você compra, sente-se influenciado pela sociedade de consumo?**

Eu quase não faço compra nenhuma e ando meio mal vestido. Acho mesmo que reajo em sentido contrário às imposições da sociedade de consumo. Talvez por me sentir ameaçado, eu sou um cara fora de moda, tenho um certo fascínio pelas coisas fora de moda, não estou falando em nostalgia, é claro, que é moda. Não uso muito as gírias do momento, gosto de contrabaixo de pau, de piano de pau, toco violão de pau e sou um compositor de pau. Mas eu tenho consciência de como a tecnologia da sociedade de consumo domina o homem ou como os especialistas da comunicação — especialmente através da TV — conseguem manipular grande parte da população e lhe impingir todo tipo de produto e de informação. E mesmo atento a isso, não deixo de cair na armadilha de vez em quando. Só pra citar um exemplo, já me surpreendi falando do nosso futebol tricampeão do mundo, quando todo mundo sabe muito bem que o Brasil nunca foi tricampeão do mundo, isso é balela, isso é impostura, invenção ufanista. Para ser tricampeão, o Brasil teria que ganhar três campeonatos seguidos, o que não aconteceu.

**Pra não fazer concessões você baixaria seu nível de vida?**

Claro, se bem que pra mim é fácil dizer isso. Tenho um nível de vida acima do que preciso. Depois, sou bem remunerado no meu trabalho, sou pago para fazer o que gosto. A não ser os shows, que não gostei muito mas acho

importante fazer. Bem, então não preciso fazer concessões, basta trabalhar e eu trabalho paca, podes crer. Mas isso não me dá o direito de julgar quem faz concessões, não para sustentar um alto padrão de vida, mas para sobreviver mesmo. Mas, espera aí, há concessões e concessões.

**Você acredita que a fome seja um problema basicamente provocado pela superpopulação?**

Eu não entendo nada disso. Mas olha, eu já andei muito por este Brasil e posso garantir que vi muito mais terra por cultivar do que cultivada. Mas muito mais. E dois terços da população brasileira está concentrada nos centros urbanos, não é isso? O sujeito não tem condições de cultivar sua terra, que geralmente não é sua, e vem se amontoar nessas cabeças-de-porco dos subúrbios, em condições sub-humanas. Então eu acho que tem qualquer coisa errada. O grande fazendeiro que planta só café porque está rendendo no mercado, o governo que incentiva porque vai ganhar na exportação, daí plantou café demais, então queima o café pra não dar prejuízo, daí todo mundo planta soja, depois importa cebola da Espanha porque aqui ninguém plantou cebola, daí a pouco queima a soja e o país morre de fome. Eu não entendo isso. Depois os grandes fazendeiros, que não morrem de fome, vão se queixar do governo e vão fazer pressão por causa da baixa rentabilidade e essas coisas. Só há interesse imediato, é claro, o fazendeiro tem mesmo é que lucrar, não compete a ele zelar por mais ninguém. Se a terra pertencesse ao Estado, aí sim, acho que dava para planificar as coisas segundo o interesse do país e de seu povo, o que deveria ser a mesma coisa. Eu acho óbvio que a terra deveria ser propriedade do Estado, assim

como o subsolo e o mar de 200 milhas, por que não? E o ar também. Porque você sabe que, se amanhã desmatassem a Amazônia, ia faltar oxigênio em todo o planeta. Assim como a Amazônia, outros tantos pulmões em todo o hemisfério sul. Então veja, fica esse tremendo desequilíbrio entre os países industrializados do hemisfério norte e os subdesenvolvidos do hemisfério sul, que vai ficar sempre por baixo até no atlas. Então, se somos nós que produzimos o oxigênio, que é vital, que é muito mais importante do que o petróleo, vamos cobrar por isso. Você não precisa me levar a sério, mas vou propor que os países do terceiro mundo formem a OPEO, Organização dos Países Exportadores de Oxigênio. Os países industrializados ficariam nos pagando uma espécie de taxa de subdesenvolvimento que equilibrasse o balanço internacional. E cá embaixo, o oxigênio seria administrado como um monopólio estatal. Senão ficava que nem as terras, uns poucos latifundiários do ar e um monte de povo no sufoco.

**O artista, através de sua arte, poderia modificar o ser humano?**

Eu acho que o homem vai ter que se modificar, pelo próprio instinto de sobrevivência. Não acredito que isso vá acontecer por influência de um indivíduo, muito menos por ordens superiores. A sociedade é que deve se aperfeiçoar por uma dinâmica própria, de baixo pra cima, com a participação da grande massa de indivíduos, certo? Quer dizer, o homem modificando a sociedade para a sociedade modificar o homem. Isso pode parecer utópico, mas, como eu já lhe disse, eu sou artista e não político; nem sociólogo. É nessa utopia que entra a contribuição da arte que não só testemunha o seu tempo, como tem licença poética

pra imaginar tempos melhores.

**Mas, que tipo de sociedade poderia aperfeiçoar o homem?**

Não sei, é difícil dar uma resposta assim, que eu próprio considere definitiva. É mais fácil responder que tipo de sociedade não pode aperfeiçoar o homem, pior, só tende a avacalhar com o ser humano. É uma sociedade cujos apelos se baseiam no egoísmo, no individualismo, no jogo de interesses, no pega pra capar, em tudo isso que você vê. Uma sociedade onde quem não entra nessa roda é definitivamente um otário.

**E a solução?**

Não sei, mas ainda acredito que uma sociedade, onde a renda seja de tal modo distribuída que possa assegurar ao homem suas necessidades básicas, uma sociedade assim pode gerar um homem novo: um homem menos egoísta, um homem mais social, um homem realmente livre.

**Já o acusaram de oportunismo?**

Já, e eu sei ao que você está se referindo. Acontece que nesse caso como num outro parecido e mais recente, a acusação não tinha fundamento porque eu não vivo nas capas das revistas semanais, não poso para publicidade, não assino contratos milionários com a televisão, muito menos me candidatei a intelectual do ano, como se insinuou. Mas eu podia ter feito qualquer dessas coisas sem precisar ser necessariamente um oportunista. Agora, fazendo o advogado do diabo contra mim mesmo e outros colegas, é verdade que o artista que se manifesta contra o sistema vigente conta de cara com a simpatia da grande maioria do público. Assim como quem se manifesta abertamente favorável a isso aí, não tem muito futuro

não. Então, o contexto permite que um ou outro artista se manifeste contra as coisas por mero oportunismo. Mas isso nós vamos conferir daqui a pouco. E é secundário. O importante é constatar que a opinião pública, em sua grande maioria, apóia quem se manifesta contra isso aí.

**Que prefere: dar shows, compor ou escrever?**

O problema dos shows é que eles são muito desgastantes e, geralmente, tomam muito tempo e muita emoção, impedindo que eu me dedique a compor ou a escrever. O diabo é que, se a gente faz show num determinado ano, tem que fazer no ano seguinte para pagar o imposto de renda, pelo menos. Mas agora eu engatei esses cinco meses com a Bethânia no Caneção, que é uma coisa mais tranqüila. Não tem avião, não tem hotel, e eu tive tranqüilidade para trabalhar nas tardes em cima do "Gota d'Água".

**Fale de "Gota d'Água".**

É uma adaptação da Medéia de Eurípedes para um subúrbio carioca. A idéia original é do Vianinha que chegou a escrever um "caso especial" que passou na televisão. Aí ele não teve tempo de desenvolver a peça para o teatro. O Paulo Pontes resolveu levar adiante o projeto e me procurou para um trabalho a quatro mãos. É claro que estou apaixonado pela peça, ficou pronta agora há pouco. Mas como ninguém conhece ainda, não fica bem

eu elogiar o trabalho. Só posso dizer que deu uma tremenda mão-de-obra, tudo rimado e metrificado como manda o figurino, 4 mil versos e dez canções. Os versos podem até ser ruins, mas 4 mil é um número que impressiona, não é mesmo? Bem, a peça está há três semanas em Brasília, acho que estão gostando muito dela, estão lendo com a maior atenção. Mas, falando sério, acho que desta vez não vai haver problemas.

**Parece que agora você prefere escrever . . . .**

Talvez sim, acho que é fase. Mesmo assim, tenho composto uma canção ou outra, pouca coisa. Acontece que, antes de começar a compor, eu já escrevia. Nos meus tempos de estudante, não livreli a cara de nenhum jornalzinho. Modéstia à parte, sou fundador do glorioso hebdomadário "Verbâmidas". Bem antes da Banda publiquei um conto, aliás fraquinho, um conto chamado "Ulisses", no Suplemento Literário do Estado de São Paulo. Depois, foi a música que me desviou. Mas eu continuava escrevendo, sem muita continuidade, uma coisa ou outra que eu submetia ao crivo de meu pai, que é um crítico literário exigente. Digo isso tudo porque, quando achei que estava preparado, desfiz contratos e me tranquei num quarto durante nove meses para parir a "Fazenda Modelo". E digo isso tudo porque tenho certeza de que fiz um bom trabalho.

## Colaboradores

**Luandino Vieira** — escritor angolano — "Companheiros" — extraído de **Poetas e Contistas Africanos**, Ed. Brasiliense (1963)

**Ricardo Ramos** — "A Mancha na Sala de Jantar" — extraído de **Matar um Homem**, Ed. Martins S/A (1970)

**Sidónio Muralha** — escritor português radicado no Brasil — "Os Pardais" — extraído de **O Andarilho**, Prelo Editora

**As telas reproduzidas no número anterior, na matéria "A Bahia na Pintura", foram gentilmente cedidas (assim como as que publicamos neste número) pela Pirelli.**

(\*) Já estava impresso este número quando o dr. Antonio de Almeida Santos foi nomeado ministro da Comunicação Social, em Portugal, o que talvez torne inoportuna a publicação deste conto.

**Carlos Drummond de Andrade** — "No Restaurante" — extraído de **O Poder Ultra Jovem**, Ed. José Olympio (1974)

**Chico Anísio** — "Prisão em Flagrante" — extraído de **A Curva do Calombo**, Ed. José Olympio (1974)

**Stanislaw Ponte Preta** — "A Papagaia" — extraído de **Tia Zulmira e Eu**, Ed. do Autor (1961) "Dois Amigos e um Chato" — extraído de **Febeapá n.º 1**, Ed. do Autor (1966)

**Fernando Sabino** — "O Caso das Camas" — extraído de **A Inglesa Deslumbrada**, Ed. Sabiá (1967)

**Érico Veríssimo** — trecho extraído de **Solo de Clarineta**, Ed. Globo (1973)

**António Almeida Santos** — escritor português — "História de Amor" — extraído de **Rã no Pântano**, Ed. Parceria Antonio Maria Pereira (1959) (\*)

**Fernando Pessoa** — poeta português — "Aniversário" e "Isto" — extraído de **Obra Poética**, Companhia Aguilar Editora (1965)

**Vinicius de Moraes** — "Rosa de Hiroxima" — extraído de **Antologia Poética**, Editora do Autor (1960)

